

## A IMPORTÂNCIA DA AUTOEFICÁCIA EM CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Wesley Kozlik Silva<sup>1</sup>  
Jessica Belo Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta um panorama das publicações de cunho teórico publicadas em português com o objetivo de evidenciar estudos que mencionem a relação da autoeficácia e da dificuldade de aprendizagem na vida acadêmica das crianças. Reforça-se a importância das variáveis internas na aprendizagem escolar das crianças, destacando-se a autoeficácia (CHAPMAN *et al. apud* MEDEIROS *et al.*, 2000), que é o que o indivíduo acredita sobre sua capacidade de desempenho em atividades específicas, e a percepção positiva que ele tem sobre ele mesmo (BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008). Foram selecionadas 16 publicações para análise, cuja maioria foi publicada a partir do ano de 2000. Os estudos selecionados apresentaram resultados semelhantes quanto à relação da crença na eficácia e a aprendizagem. As pesquisas corroboram a ideia de que o sucesso acadêmico, especialmente para as crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem, depende de vários fatores, contudo o desempenho depende, na maioria dos casos, da convicção pessoal que o aluno tem em controlar seu pensamento, para que não tenha o sentimento de fracasso e frustração (MARTINELLI; SASSI, 2010). Por meio deste estudo se destaca a importância de trabalhar essa questão no meio educacional, oferecendo aos estudantes que apresentam essas dificuldades ferramentas que lhes possibilitem desenvolver crenças positivas em relação às suas capacidades (MEDEIROS *et al.*, 2000).

**Palavras-chave:** Dificuldade de aprendizagem. Autoeficácia. Autoconceito. Psicologia.

### THE IMPORTANCE OF SELF-EFFICACY IN CHILDREN WITH LEARNING DISABILITIES

**Abstract:** This article presents a panorama within the theoretical publications published in Portuguese with the objective of evidencing studies that talk about the relationship of self-efficacy and learning disabilities in the academic life of children. It reinforces the importance of internal variables in children's school learning, emphasizing self-efficacy (CHAPMAN *et al. apud* MEDEIROS *et al.*, 2000), which is what the individual believes about his ability to perform in specific activities and the positive perception that he has about himself (BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008). Were selected 16 publications for analysis, most of them being published since the year 2000. The studies selected presented similar results regarding the relation of belief in efficacy and learning. Research agrees that academic success, especially for children with learning disabilities, depends on a number of factors; however, performance depends, for the most part, on the student's personal belief in controlling their thinking, so that do not have the feeling of failure and frustration (MARTINELLI; SASSI, 2010). This study emphasizes the importance of working this issue in the educational environment, so that students who present these disabilities can be offered

<sup>1</sup> Doutorando em Educação. Universidade Federal do Paraná. Docente de Psicologia da Faculdade Guairacá. E-mail: <weskozlik@hotmail.com>.

<sup>2</sup> Psicóloga clínica autônoma. E-mail: <jeh\_belo@hotmail.com>.

tools that allow them to develop positive beliefs about their abilities (MEDEIROS *et al.*, 2000).

**Keywords:** Learning Disabilities. Self-Efficacy. Self-Concept. Psychology.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresentará um panorama de estudos sobre a autoeficácia e a importância da criança se sentir capaz quando se depara com dificuldades de aprendizagem, considerando as publicações de cunho teórico e publicadas em português. A fundamentação teórica descreverá as dificuldades de aprendizagem, além de definir a autoeficácia e o autoconceito, e algumas intervenções com crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem.

A partir desses conceitos, o presente trabalho tem como objetivo evidenciar estudos que mencionem a relação da autoeficácia e da dificuldade de aprendizagem na vida acadêmica das crianças. Também busca descrever a dificuldade de aprendizagem e apresentar informações sobre como a autoeficácia interfere no desempenho escolar da criança.

O método de pesquisa utilizado foi a revisão sistemática da literatura, com o propósito de fazer uma síntese da produção científica referente ao tema, identificada em publicações online. Ao final, foram interpretados e discutidos os resultados, de forma a apresentar informações sobre como a autoeficácia afeta o desempenho escolar da criança.

## 2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

As dificuldades de aprendizagem possuem controvérsias em sua definição exata, pois não há um consenso na literatura que as defina. Entre tantas noções apresentadas, uma delas pode ser representada pela definição de Hammil (*apud* CARNEIRO, 2002, p. 27):

termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de desordens que se manifestam por dificuldades significativas de aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Estas alterações são intrínsecas ao indivíduo, supondo-se serem devidas a disfunção do sistema nervoso central e que podem ocorrer ao longo do ciclo vital. Podem existir junto com as dificuldades de aprendizagem problemas de conduta de autorregulação, percepção sócia e interação social, mas que não constituem por si mesmas em dificuldades de aprendizagem.

No conceito de dificuldade de aprendizagem, não podem ser negados os fatores institucionais, familiares, pedagógicos, culturais, sociais, emocionais e relacionais presentes nos alunos (CARNEIRO, 2002). As dificuldades devem ser tratadas como desafios que fazem parte do próprio processo da aprendizagem, e não como problemas sem solução. Mas, para isso, é muito importante que seja identificada precocemente e imediatamente trabalhada (MAZER; BELLO; REZENDE, 2009).

Geralmente, as dificuldades de aprendizagem só são percebidas quando a criança ingressa no ensino formal, e isso inclui problemas advindos do sistema educacional, além de características próprias do indivíduo e influências ambientais (SANTOS; MARTURANO, 1999). Trata-se de um período muito importante para o desenvolvimento, pois a criança precisa adquirir competências nas relações interpessoais, aprender a ler e escrever, além de manter uma conduta governada por regras (MAZER; BELLO; REZENDE, 2009).

Segundo Santos e Marturano (1999), as dificuldades na aprendizagem, geralmente, são acompanhadas de déficits em habilidades sociais, o que pode desenvolver sentimentos de baixa autoestima e inferioridade, causando, assim, problemas emocionais ou de comportamento. Por esse motivo, as crianças podem ser afetadas negativamente em seu desenvolvimento e em seu ajustamento a etapas futuras. Entre os seis e doze anos de idade, a criança passa pela fase em que acontece a crise evolutiva, que é decorrente do desafio da produtividade versus inferioridade, período no qual a criança sente a necessidade de ser reconhecida e valorizada pela sua capacidade de realizar tarefas.

As dificuldades podem se manifestar de forma internalizada ou externalizada. Uma das formas em que os problemas internalizados são caracterizados é por crianças que apresentam um mau desempenho escolar, e por isso desenvolvem o sentimento de vergonha, não acreditam em si mesmas, sentem baixa autoestima, apresentando problemas emocionais. Outras crianças apresentam sentimentos como raiva, afastamento das atividades escolares e agressividade, caracterizando, assim, uma forma externalizada de expressar seus problemas acadêmicos (STEVANATO, 2003).

Além das variáveis institucionais e familiares que interferem na vida acadêmica da criança, os estudos que trabalham com o processo de ensino e aprendizagem reforçam a importância das influências das variáveis internas, como, por exemplo, as crenças, as expectativas e os afetos, que funcionam como mediadores da relação entre estímulo e resposta. Dentre essas variáveis, destaca-se a autoeficácia, que é objeto de investigação deste trabalho (CHAPMAN *et al.* *apud* MEDEIROS *et al.*, 2000).

### 3 AUTOEFICÁCIA E AUTOCONCEITO

A autoeficácia é o que o indivíduo acredita sobre sua capacidade de desempenho em atividades específicas, e é tida como um dos mecanismos-chaves para a composição da vivência humana (BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008). O conceito não aborda a real capacidade que o indivíduo possui, mas a percepção positiva que tem sobre ele mesmo. Essa crença da autoeficácia é um fator determinante no modo em que o indivíduo vai agir, pensar, sentir, e no que irá se motivar (BZUNECK, 1996).

A possibilidade de controle sobre a realidade do indivíduo e do seu próprio comportamento é altamente influenciada pela expectativa de resultado e pelas expectativas de autoeficácia. As expectativas de resultados são uma medida pessoal de que o comportamento da criança a fará chegar em um determinado resultado, enquanto a expectativa de autoeficácia é a segurança de que se possui a capacidade necessária para realizar um determinado resultado (BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008).

Por meio da autoeficácia, a pessoa faz um julgamento das suas próprias capacidades, avalia seus conhecimentos, habilidades, inteligência e, a partir disso, faz suas escolhas e estratégias para realizar uma tarefa determinada de uma forma que ela se considera capaz. Da mesma forma, a pessoa com a autoeficácia também sabe o que excede a sua capacidade e tende a evitar situações e atividades que se julgam incapazes de realizar (RODRIGUES; BARRERA, 2007).

Essa crença da autoeficácia tem ligação com o envolvimento da pessoa com suas metas, com sua perseverança e resiliência frente às dificuldades. Estudos têm abordado como a autoeficácia afeta na aprendizagem, na realização e na motivação das pessoas em suas atividades acadêmicas (BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008).

Rodrigues e Barrera (2007, p. 42) apontam que a autoeficácia é um “julgamento pessoal das próprias capacidades para executar as ações necessárias para atingir certo objetivo”. Mas, a autoeficácia pode também ser específica ou mais ou menos geral, já que o conceito de autoeficácia generalizada se trata das crenças na eficácia pessoal para lidar positivamente com desafios futuros em geral.

Alguns autores consideram que a autoeficácia generalizada se aproxima do autoconceito, que também é considerado determinante no desempenho escolar. O autoconceito é, de acordo com Cunha (2007, p. 149), “um produto da interação entre a pessoa

e seu meio ambiente, durante seu processo de construção social e ciclo de vida, acompanhado de uma avaliação e suas capacidades, realizações e experiências”.

Cunha (2007) diz que o autoconceito começa a ser construído na infância, pois não se nasce com um conceito próprio, por isso ele se desenvolve ao longo da vida. Com efeito, as crianças recebem informações sobre si mesmas por meio dos adultos que passam por sua vida, sejam eles familiares, professores ou colegas e, mediante essas informações, elas desenvolvem uma imagem sobre si, que pode ser positiva ou negativa. Pode-se dizer, então, que o autoconceito é totalmente influenciado pelas relações sociais existentes entre o indivíduo e o meio, no decorrer da sua vida.

O autoconceito tem um aspecto descritivo, porque a pessoa realiza uma autoavaliação sobre suas potencialidades e dificuldades e, dessa forma, ela faz uma descrição de si mesma, criando uma autopercepção. Além disso, o autoconceito é estruturado, pois a pessoa categoriza a informação que tem sobre si mesmo; é evolutivo, pois ele é estável, mas não imutável; e é multidimensional, pois ele pode ser acadêmico, social, pessoal ou físico (MENDES *et al.*, 2012).

#### 4 MÉTODO

O presente trabalho tem como método de pesquisa a revisão sistemática da literatura. Esse método de pesquisa visa a identificar, a selecionar, a avaliar e a sintetizar os estudos relevantes que estão disponíveis sobre o assunto escolhido (GALVÃO; PEREIRA, 2014).

Para a realização dessa pesquisa, primeiramente, foi identificada a pergunta para a elaboração da revisão sistemática: “há importância na autoeficácia para crianças com dificuldade de aprendizagem?”. Após a delimitação do tema da pesquisa, iniciou-se uma busca em base de dados científicas, como Google Acadêmico, Scielo, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC). Tendo em vista o tema do trabalho, as palavras-chave utilizadas foram “dificuldade de aprendizagem”, “autoeficácia”, “autoconceito”, “psicologia” e todas as palavras foram combinadas entre si.

O segundo passo da pesquisa foi o de estabelecer os critérios para inclusão e exclusão de estudos na busca da literatura. Para a seleção de materiais a serem estudados, foram utilizadas publicações (artigos de periódicos, teses e dissertações) que continham estudo sobre

a autoeficácia e o autoconceito aplicados à dificuldade de aprendizagem. Foi delimitado o período de publicação dessas fontes de 1977, que foi quando Bandura (1977) desenvolveu o conceito de autoeficácia, até os dias de hoje. Foram excluídos documentos que não fossem na língua portuguesa e que não falassem sobre o tema de forma específica.

Após a seleção, as publicações foram organizadas pelo título, autor, ano de publicação, tipo de pesquisa (bibliográfica ou experimental), e evidências da autoeficácia na vida acadêmica. Essas fontes foram estudadas e analisadas no sentido de entender a relação da autoeficácia na vida acadêmica dos alunos, em especial os que apresentam dificuldade de aprendizagem. A análise foi realizada a partir dos dados que a literatura traz sobre o tema, a fim de interpretar os documentos e discuti-los apresentando uma síntese dos dados.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando o material bibliográfico consultado e, por conseguinte, utilizado na pesquisa, pode-se afirmar que a autoeficácia e a sua relação com a aprendizagem é repetidamente investigada depois que Bandura (1977) apresentou o conceito, e especialmente, na última década, quando o tema ficou mais presente nas pesquisas.

Ao total, foram encontrados na pesquisa 26 estudos que tratavam da relação entre a autoeficácia e a aprendizagem, porém dez deles foram excluídos por não abordarem, especificamente, do assunto. Todas as publicações foram encontradas em revistas da área de Psicologia. Dentre os 16 materiais selecionados para análise, oito são pesquisas experimentais e as demais são pesquisas bibliográficas, sendo treze artigos publicados e três dissertações de mestrado.

Os estudos revisados são na maioria recentes, pois foram publicados a partir do ano de 2000, tendo um aumento de publicações sobre o tema a partir de 2007, comparando-se com anos anteriores que tinham em média cinco publicações e após esse ano foram publicados mais onze.

Uma possível explicação para o aumento das publicações sobre a autoeficácia a partir de 2007 é o livro *Teoria Social Cognitiva: Conceitos Básicos* de Bandura, Azzi e Polydoro (2008) ter sido traduzido para o português, facilitando, assim, o acesso ao tema. Mesmo com esse aumento, o número de publicações ainda é considerado baixo, levando-se em conta que, internacionalmente, o número é muito maior. A maioria das publicações que se encontra nas

bases de dados está em idioma estrangeiro, e por isso esses textos não se enquadram no critério de inclusão da pesquisa.

Nas pesquisas experimentais, o total de participantes foi de 720 estudantes, e a faixa etária dos mesmos variou de 6 a 12 anos, com exceção do artigo “Autoconceito e desempenho escolar de estudantes da educação de jovens e adultos” de Ferreira (2013), o qual realizou o estudo com jovens e adultos de 17 a 58 anos que estudam na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Cada pesquisa utilizou instrumentos diferentes para a investigação, porém os instrumentos mais utilizados para fazer as pesquisas experimentais sobre a autoeficácia foram o “Roteiro de avaliação da autoeficácia” elaborado por Medeiros *et al.* (2000), a partir dos estudos de Bandura (1993) e Schunk (1985) e a “Escala de autoeficácia para alunos do ensino fundamental” proposto por Martinelli e Sassi (2010).

Além de discutirem a autoeficácia, 11 das pesquisas estudadas discutem também outros conceitos que podem ser confundidos com o termo. Um dos artigos que aborda essa questão dos conceitos correlatos e discute as suas diferenças é o artigo de Barros e Santos (2010), intitulado “Por dentro da autoeficácia: um estudo sobre seus fundamentos teóricos, suas fontes e conceitos correlatos”. O conceito que mais é abordado nessas publicações e que se correlaciona aos estudos da autoeficácia é o autoconceito, definido como o que o indivíduo acredita que “é” e “sente”, enquanto a autoeficácia se dá por meio da pessoa acreditar que “pode”, fazendo, assim, uma ligação de um com o outro (BARROS; SANTOS, 2010).

Esta revisão sistemática da literatura identificou pesquisas que tratam da relação entre a autoeficácia e a dificuldade de aprendizagem em função de algumas variáveis. Os materiais que foram selecionados e analisados apresentaram resultados semelhantes quanto à relação da crença na eficácia e na aprendizagem. Nos últimos quarenta anos, os estudos sobre o tema vêm crescendo ano a ano devido à amplitude de comportamentos humanos que são diretamente influenciados por suas crenças (MARTINELLI; SASSI, 2010).

Percebeu-se que, internacionalmente, a autoeficácia possui diversos estudos em diferentes áreas do conhecimento, como na Saúde, Educação, Psicologia, Esporte e Administração. Comparando esses dados, e considerando o filtro de publicações em português utilizado no presente artigo, no Brasil, encontra-se um número menor de trabalhos publicados, sendo a maioria deles concentrados nas áreas de Educação e Saúde, e há um espaço grande para que sejam feitos novos estudos brasileiros sobre o tema (BARROS; SANTOS, 2010).

Os estudos mencionam que o sucesso acadêmico, especialmente para as crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem, depende de vários fatores e nenhum considera só o

sentimento de autoeficácia como importante, como cita Bzuneck (1996), quando discorre que é importante também considerar, na explicação das variações no desempenho escolar, as reais capacidades e conhecimentos dos alunos. Contudo, o desempenho depende, na maioria das vezes, da convicção pessoal que o aluno tem em controlar seu pensamento, para que não tenha o sentimento de fracasso e frustração (MARTINELLI; SASSI, 2010). Segundo Bandura, Azzi e Polydoro (2008), os estudantes criam expectativas sobre seu desempenho escolar e para que estabeleçam as atividades escolares como parte expressiva do seu projeto de vida precisam acreditar nas suas capacidades.

As pessoas possuem um sistema de crenças que afetam pensamentos, sentimentos e ações, expectativas, motivação, entre outros esforços, e é por meio dessas crenças que os indivíduos fazem suas autoavaliações, e após refletir sobre isso, podem alterar seu próprio pensamento sobre si (MEDEIROS *et al.*, 2000). Por esse motivo, eles tendem a agir de acordo com suas autocrenças, como o exemplo da autoeficácia, pois permite que eles exerçam um grau de controle sobre aquilo que pensam e fazem (IAOCHITE *et al.*, 2016).

Bandura (*apud* BARROS; SANTOS, 2010, p. 3) define que a autoeficácia são “crenças das pessoas a respeito de suas capacidades de produzir determinados níveis de desempenho que exercem influência sobre fatos que afetam suas vidas”, mas, para Costa (2003), a autoeficácia também tem influências em padrões de reações emocionais e de pensamentos, os resultados esperados, o comportamento antecipatório e as restrições do próprio desempenho. Além disso, a autoeficácia tem direta ligação com as crenças que a pessoa possui, pois esses diferentes juízos podem fazer com que a pessoa ou tenha sucesso ou tenha fracasso naquilo que está realizando.

Autores concordam em dizer que a autoeficácia pode desenvolver-se a partir de quatro fatores, sendo eles: a) a experiência direta, que são as próprias experiências que a pessoa vivenciou, nas quais os resultados positivos aumentam o senso de autoeficácia, enquanto o fracasso a diminui, correndo o risco de comprometer essa crença; b) a experiência vicária, que são os modelos sociais, nos quais a pessoa se espelha, como pessoas bem sucedidas e que tenham semelhanças consigo mesma, acreditando que por ter as mesmas habilidades pode conseguir o mesmo sucesso, identificando-se com elas, como referência: “se ele(a) pode fazer, eu também posso”; c) a persuasão social, que são as avaliações que a pessoa recebe do outro, fazendo com que a pessoa reforce sua crença sobre ter capacidade de realizar determinada atividade, o que promove seu desenvolvimento e crença de eficácia; d) os estados físicos e emocionais, que, por sua vez, são associados às emoções, sejam elas positivas ou negativas,

que influenciam na maneira como as situações são percebidas, pois a pessoa se julga a partir das suas próprias capacidades nos estados emocionais, e a forma que ela interpreta isso é muito importante (BZUNECK, 1996; MEDEIROS *et al.*, 2000; COSTA, 2003; RODRIGUES; BARRERA, 2007; BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008; BARROS; SANTOS, 2010; FONTES; AZZI, 2012).

No que se refere à educação, tem sido pesquisada a autoeficácia acadêmica como sendo o “julgamento do estudante em suas capacidades para aprender ou realizar as atividades escolares” (SCHUNK; MEECE *apud* IAOCHITE *et al.*, 2016, p. 46). Medeiros *et al.* (2000), Martinelli e Sassi (2010) concordam em dizer que a autoeficácia, além de influenciar o desempenho acadêmico, é também influenciado por ele, pois ela tem resultados no desenvolvimento como um todo. Essa influência acontece tanto por ação direta como por sua força nos processos de autorregulação, de motivação e de autopercepção, nas expectativas de resultados e nas escolhas e interesses.

Dentro do contexto acadêmico, pesquisas indicam que os estudantes com um alto senso de autoeficácia e confiantes nas suas capacidades conseguem desempenhar suas atividades acadêmicas com mais estratégias cognitivas e metacognitivas, além de perseverarem por mais tempo do que aqueles que apresentam baixa crença na sua capacidade (PAJARES *apud* MEDEIROS *et al.*, 2000). Essa crença determina a motivação para a realização das atividades educacionais propostas ao aluno, e influencia também a sua autorregulação para aprender.

Mesmo quando o aluno tem outras atividades que sejam do seu interesse, mediante essa crença da sua eficácia, o seu comprometimento com os estudos pode ficar ainda maior, pois ele fica mais dedicado e consegue se autorregular nas suas tarefas de aprendizagem, além de se esforçar mais para atingir sua excelência acadêmica e cumprir os prazos que são estabelecidos para ele (IAOCHITE *et al.*, 2016).

Por outro lado, crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem podem avaliar-se com baixo senso de autoeficácia em relação às suas capacidades e habilidades de desempenharem com êxito certas tarefas (MEDEIROS *et al.*, 2000). Os alunos que não possuem essa crença positiva se deparam com maiores situações de fracasso em relação às suas atividades acadêmicas, pois não acreditam que poderiam se sair bem nas tarefas, além de não esperarem ser reconhecidos pelo seu desempenho.

Por essa razão, percebe-se como os pensamentos de baixa eficácia tendem a diminuir a motivação e comprometer a atitude do aluno, e que o senso de eficácia tem total relação com

a motivação do aluno em aprender, já que isso faz com que ele questione a si mesmo e faça autorreflexões acerca da sua própria capacidade em desenvolver uma determinada atividade (BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008).

A autoeficácia se encontra também na área da docência, e diz respeito ao julgamento que o professor faz sobre si mesmo, a respeito de suas capacidades de produção e sua didática para ensinar, mesmo que ele tenha que se deparar com alunos que não estão interessados em aprender. Essa crença tem ligação com a forma com que os professores preparam suas aulas, que veem a sua profissão e que compreendem os alunos, sejam eles alunos com dificuldades de aprendizagem ou não (IAOCHITE *et al.*, 2016).

Como citado, a maioria dos estudos experimentais sobre a autoeficácia na aprendizagem utilizou o “Roteiro de avaliação da autoeficácia” (MEDEIROS *et al.*, 2000) e a “Escala de autoeficácia para alunos do ensino fundamental” (MARTINELLI *et al.*, (2009) *apud* MARTINELLI; SASSI, 2010).

O “Roteiro de avaliação da autoeficácia” proposto por Medeiros *et al.* (2000) focaliza a percepção da criança quanto ao seu desempenho acadêmico e à sua capacidade de realização. Esse roteiro foi feito para ser aplicado em crianças da primeira à quarta série do ensino fundamental (SILVA *et al.*, 2014). É composto por 20 afirmativas, sendo que 12 delas são relacionadas à percepção da capacidade quanto ao desempenho acadêmico, incluindo seis afirmativas com significado positivo, e outras seis com significado negativo. As outras oito afirmativas são relacionadas à percepção de desempenho acadêmico, tendo como referência a avaliação de outros ou a comparação com os pares, envolvendo quatro afirmativas com significado positivo e outras quatro com significado negativo (MEDEIROS *et al.*, 2000).

Segundo Medeiros *et al.* (2000), é importante destacar que nove dos doze itens com diferença significativa no “Roteiro de Avaliação da Autoeficácia”, relacionam-se com afirmativas como sendo negativos em relação ao senso de autoeficácia. A maioria dessas afirmativas começa suas frases demonstrando a sua dificuldade, como, por exemplo, “*eu esqueço, eu demoro, eu tenho mais dificuldade*”. Medeiros sugere que essas frases negativas tenham um efeito maior para crianças com dificuldade de aprendizagem, provavelmente por experiências que já viveram a partir de seus pais, colegas e professores.

Por sua vez, a “Escala de autoeficácia para alunos do ensino fundamental” de Martinelli *et al.* (2009 *apud* MARTINELLI; SASSI, 2010) era composta por 20 itens dispostos em uma escala *likert* de cinco pontos em que eram utilizados círculos, os quais eram cheios no início e, gradativamente, diminuía sua área de preenchimento até ficarem

totalmente vazios. Mas essa escala foi reformulada em uma nova versão, cujos itens dessa primeira escala foram mantidos, sendo alteradas as possibilidades de resposta da criança. A “Escala de Autoeficácia para Alunos do Ensino Fundamental” passou, então, a ser aplicada com 20 itens que descrevem as situações acadêmicas em que a criança deve marcar a frequência com que se sente capaz de realizar as condutas, indicadas em uma escala, sendo: *muito capaz* (4 pontos), *capaz* (2 pontos), *pouco capaz* (1 ponto), e *nada capaz* (0 ponto) (MARTINELLI; SASSI, 2010).

Esses estudos concordam que o grupo de estudantes que apresenta dificuldade de aprendizagem possui um senso de autoeficácia muito mais baixo se comparado às crianças que vão bem na escola, pois não se consideram capazes de executar com sucesso as atividades que lhes são solicitadas (BZUNECK, 1996; MEDEIROS *et al.*, 2000; MEDEIROS *et al.*, 2003; RODRIGUES; BARRERA, 2007; JUSTO; ANDRADE; MILANI, 2009; MARTINELLI; SASSI, 2010; FERREIRA, 2013; SILVA *et al.*, 2014).

Para esses estudantes, as comparações sociais e a avaliação de desempenho que recebem dos outros têm grande influência na sua crença de eficácia. Essas percepções fundamentadas na avaliação das outras pessoas estão ligadas ao senso de autoeficácia social, que, quando é alto, pode provocar satisfação e promover relacionamentos sociais positivos (BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008).

Os estudos também apontam uma relação negativa entre a autoeficácia e a ansiedade, pois quando o nível da ansiedade é alto, ele aparece relacionado com o mau desempenho em tarefas de leitura, por exemplo (PINTRICH *et al. apud* MEDEIROS *et al.*, 2000).

Por meio da avaliação do senso da autoeficácia nas escolas, podem ser planejadas intervenções que visem a melhorar o desempenho do aluno. Sobre as intervenções que seriam possíveis de serem realizadas com as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, utilizando-se da autoeficácia, Medeiros *et al.* (2000) destacam a necessidade de se oferecer aos estudantes que apresentam essas dificuldades ferramentas que lhes possibilitem desenvolver crenças positivas em relação às suas capacidades e que seja apreciado o desenvolvimento da autoeficácia como uma solução favorecedora do processo de aprendizagem.

Uma outra forma de favorecer a crença de autoeficácia nos alunos é os professores estimularem seus alunos e oferecerem *feedbacks* positivos aos alunos que estão tendo dificuldades, com vistas a estimular a persistência e motivação, aumentando o autoconceito e resultando na autoeficácia e melhores resultados (RODRIGUES; BARRERA, 2007). Bzuneck

(1996) discorre sobre a importância de o professor dar aos alunos tarefas que tenham metas e objetivos específicos, com um nível adequado de dificuldade, e que possam ser cumpridas em um curto prazo. É necessário passar segurança ao aluno, para que ele não se sinta ansioso e desmotivado por suas dificuldades.

Segundo Medeiros *et al.* (2000) e Medeiros *et al.* (2003), é indicado que os alunos que possuem dificuldades tenham um guia social, durante a fase inicial de aprendizagem, para que se sintam mais preparados. Desta forma, quando se tem metas estabelecidas pelo outro, elas resultam em um automonitoramento, que faz com que os estudantes atribuam sucesso às táticas pessoais, otimizando não só o desempenho deles em si, mas também melhorando a sua crença de eficácia e auxiliando, assim, a busca de habilidades futuras.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi realizada uma revisão sistemática da literatura sobre a importância da autoeficácia em crianças com dificuldade de aprendizagem, com foco em estudos publicados em português a partir de 1977, sendo que apenas 16 foram utilizados. Por meio deste estudo foi possível obter resultados que confirmam a relação positiva entre a autoeficácia e a dificuldade de aprendizagem do aluno, visto que, quando a crença de eficácia se eleva, o aluno tende a obter melhoras em suas atividades.

Por fim, levou-se em consideração a influência da autoeficácia na vida acadêmica do aluno que apresenta dificuldade de aprendizagem. Diante disso, destaca-se a importância de se trabalhar esse tema no meio educacional, para que os alunos acreditem nas suas capacidades e, mediante o uso delas, dispendam maiores esforços em suas tarefas, usem suas habilidades a seu favor e obtenham um sentimento positivo sobre si mesmo para o melhor desempenho escolar.

Em relação ao método adotado no presente artigo, ele ficou limitado a pesquisas em português, e seria interessante expandir o estudo para outras línguas, a fim de encontrar mais fontes, com outros dados, com fim de realizar um estudo mais amplo. Entende-se que pesquisas nesta área são necessárias, tendo notado que ainda está em crescimento no Brasil e que há pouco material que aborde, especificadamente, sobre como desenvolver a crença da eficácia nos alunos.

Espera-se que os resultados apresentados possam ter contribuído aos estudos sobre o tema da autoeficácia no contexto das atividades acadêmicas, mesmo sabendo que ainda há muito para ser debatido e investigado sobre o tema e que outras pesquisas possam expandir o assunto, principalmente, voltado para os meios de intervenção.

## REFERÊNCIAS

- BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. **Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: ArtMed, 2008.
- BANDURA, A. Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. **Psychological Re-view**, v. 84, 1977.
- BARROS, M.; SANTOS, A. C. B. Por dentro da autoeficácia: um estudo sobre seus fundamentos teóricos, suas fontes e conceitos correlatos. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 10, n. 112, 2010.
- BZUNECK, J. A. Crenças de auto-eficácia de professoras do 1º grau e sua relação com outras variáveis de predição e de contexto. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Londrina, v. 48, n. 4, 1996.
- CARNEIRO, G. R. S. **O autoconceito de crianças com dificuldade de aprendizagem na escrita**, 2002. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000257423>>. Acesso em: 14 abr. 2016.
- COSTA, A. E. B. Auto-eficácia e Burnout. **Interação Psy**, Maringá, v. 20, n. 1, 2003.
- CUNHA, C. A.; SISTO, F. F.; MACHADO, F. Autoconceito e reconhecimento de palavras em crianças do ensino fundamental. **Avaliação psicológica**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, 2007.
- FERREIRA, A. A. Desempenho escolar e autoconceito de estudantes da educação de jovens e adultos. **Dissertação** (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- FONTES, A. P.; AZZI, R. G. Crenças de autoeficácia e resiliência: apontamentos da literatura sociocognitiva, **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 20, n. 1, 2012.
- GALVÃO, T. F.; PEREIRA, M. G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiologia Serviços de Saúde**. Brasília, v. 23, n. 1, 2014.
- IAOCHITE, R. T. *et al.* Autoeficácia no campo educacional: revisão das publicações em periódicos brasileiros. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 20, n. 1, 2016.
- Pró-Discente**: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 25, n. 1, p. 101-114, jan./jun. 2019.

JUSTO, U. V.; ANDRADE, E. R.; MILANI, R. G. Avaliação da auto-eficácia de crianças em idade escolar. **Anais do IV Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar**. Maringá, 2009.

MARTINELLI, S. C.; SASSI, A. G. Relações entre autoeficácia e motivação acadêmica. **Psicologia ciência e profissão**, Brasília, v. 30, n. 4, 2010.

MAZER, S. M.; BELLO, A. C. D.; REZENDE, M. Dificuldades de aprendizagem: revisão de literatura sobre os fatores de risco associados. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 28, 2009.

MEDEIROS, P. C. *et al.* A auto-eficácia e os aspectos comportamentais de crianças com dificuldade de aprendizagem. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, 2000.

MEDEIROS, P. C. *et al.* O senso de auto-eficácia e o comportamento orientado para aprendizagem em crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem. **Estudos de Psicologia**, São Paulo, v. 8, n. 1, 2003.

MENDES, A. R. *et al.* Autoimagem, autoestima e autoconceito: contribuições pessoais e profissionais na docência. In: ANPED SUL, IX, **Anais eletrônicos**, 2012.

RODRIGUES, L. C.; BARRERA, S. D. Auto-eficácia e desempenho escolar em alunos do ensino fundamental. **Psicologia em pesquisa**, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, 2007.

SANTOS, L. C.; MARTURANO, E. M. Crianças com dificuldade de aprendizagem: um estudo de seguimento. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, 1999.

SILVA, J. *et al.* Desempenho motor e senso de autoeficácia de escolares do ensino fundamental. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 26, n. 2, 2014.

STEVANATO, S. I. *et al.* Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 1, 2003.

Trabalho recebido em: 12/03/2019

Aprovado em: 22/04/2019

Publicado em: 30/06/2019

## COMO REFERENCIAR ESTE TRABALHO

SILVA, Wesley Kozlik; SILVA, Jessica Belo. A importância da autoeficácia em crianças com dificuldades de aprendizagem. **Revista Pró-Discente**, Vitória, v. 25, n. 1, p. 101-114, jan./jun. 2019.

**Pró-Discente**: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 25, n. 1, p. 101-114, jan./jun. 2019.